Revista Espaço Acadêmico - Nº 174 - Novembro/2015 - Mensal
ANO XIV - ISSN 1519-6186

As considerações de Marx sobre as Guerras do Ópio e suas consequências na sociedade chinesa (1839-1860)

THIAGO HENRIQUE SAMPAIO*

Resumo: A China ao longo dos séculos sempre despertou interesse comercial perante as grandes potências europeias. No século XIX, com as novas demandas pós Revolução Industrial havia uma necessidade de grandes mercados consumidores para o escoamento de artigo dos países europeus. A China foi vista como um local para receber essa demanda comercial, um dos produtos que recebia forte atenção nesse trânsito comercial foi o ópio. Ao longo da primeira metade de Oitocentos, a Inglaterra era responsável pela comercialização deste narcótico no Extremo Oriente. Suas ambições comerciais deste produto levaram as chamadas Guerras do Ópio que tiveram como consequência abrirem caminho para novas formas de tratados internacionais entre os países do globo. O presente artigo visa analisar os escritos de Karl Marx sobre as consequências do conflito para a China e suas transformações acarretadas. Além disso, busca-se encarar sua obra como um dos primeiros que analisou as transformações do colonialismo em finais do século XIX.

Palavras-Chaves: Colonialismo; Guerras do Ópio; Tratado de Nanquim; Política Colonial; Karl Marx

Abstract: China over the centuries has always aroused commercial interest before the great European powers. In the nineteenth century, with the new demands after the Industrial Revolution there was a need for major markets for the flow of Article European countries. China was seen as a place to receive this commercial demand, one of the products that received strong attention this commercial traffic was opium. Throughout the first half of the nineteenth century, England was responsible for the marketing of this drug in the Far East. Their commercial ambitions of this product led the Opium Wars calls which resulted in opening the way to new forms of international treaties between the countries of the world. This article aims to analyze the writings of Karl Marx on the consequences of the conflict to China and brought about their transformations. In addition, we seek to face his work as one of the first who analyzed the transformations of colonialism in the late nineteenth century.

Key-Words: Colonialism; Opium Wars; Treaty of Nanking; Colonial Politc; Karl Marx

* **THIAGO HENRIQUE SAMPAIO** é Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Assis.

As relações chinesas e inglesas na primeira metade de Oitocentos

Durante o século XIX, os primeiros contatos entre chineses e ingleses se deram após as Guerras Napoleônicas. A Companhia das Índias Orientais Inglesas enviaram uma missão a China pra aumentar os privilégios comerciais, estabelecimento de relações diplomáticas e aberturas de portos. A missão foi recebida de maneira humilhante pela dinastia imperial chinesa, Qing, que logo a expulsou do país (SPENCE, 1996, p. 159).

Nessa época, Cantão começava a se estabelecer como um importante centro comercial e intelectual do país. Segundo Jonathan Spence (1996, p. 159), as somas de dinheiros que circulavam na região por causa do tráfico de ópio causava corrupção entre os funcionários e aumentava a receita do Estado proveniente dos impostos de circulação e taxação do comércio exterior legal.

Na década de 1820, iniciou-se a adoção de uma linha dura contra o problema do vício do ópio. O problema do tráfico de ópio tornou-se uma questão central dos assuntos estrangeiros e de política interna. Além disso, o escoamento da prata para o exterior debilitou a economia chinesa. Spence (1996, p. 160) afirma que

> Em 1825, Daoguang (imperador chinês) ficou sabendo por relatórios dos censores que a quantidade de prata chinesa que estava sendo usada para pagar o ópio era tão grande que estava começando a prejudicar a economia nacional. Embora esse fenômeno estivesse

> ainda, no geral, limitado às regiões litorâneas do Sudeste da China, seus efeitos estavam sendo sentidos no interior do país. A escassez de prata fez com que seu preço subisse em relação ao cobre. Como os camponeses usavam moedas de cobre para suas transações de todos os dias, mas continuavam tendo que pagar seus impostos em prata, um aumento do valor da prata significava que eles estavam pagando impostos cada vez mais altos, e isso, com certeza, levaria a perturbações.

Em 1834, com a aprovação do Parlamento inglês do fim do monopólio da Companhia das Índias Orientais no comércio com a Ásia, a situação piorou. A lei abriu o mercado chinês para diversos comerciantes estrangeiros independentes, oriundos de diversas localidades da Europa e dos Estados Unidos, o que aumentava a venda de ópio. Após essa medida, a importação de ópio continuou subindo, passando de 30 mil caixas, em 1835, a 40 mil, em 1838 (SPENCE, 1996, p. 162). A China foi afetada pela escassez mundial de prata que prejudicava a comercialização de seus artigos para os estrangeiros.

A partir de 1836, a corte imperial chinesa começou a divergir sobre a questão do ópio. Muitos membros defendiam a legalização do comércio de ópio salientando que isso acabaria com a corrupção e traria um fluxo regular de receita mediante taxação. Outros conselheiros argumentavam que as penalidades sobre o tráfico de ópio deveriam ser mais severas.

Em 1838, o tráfico de ópio deveria ser detido nos portos chineses. O imperador enviou altos funcionários para capturar as cargas de ópio estrangeiro na região de Cantão.

O desenrolar da apreensão de ópio na China foi acompanhada com severas críticas da Inglaterra que considerava uma afronta aos seus súditos que viviam na região serem tratados com violências e expostos a humilhações e injustiças públicas. Diversos comerciantes da Inglaterra pressionaram o Parlamento para tomar medidas retaliatórias.

Em 1839, o Parlamento inglês aprovou o envio de navios e tropas localizadas na Índia para combater os funcionários chineses que estavam prejudicando seus súditos em Cantão, tal medida foi o início da Primeira Guerra do Ópio (1939-1942) (SPENCE, 1996, p. 165).

Segundo Jonathan Spence (1996, p. 168), este conflito marcou um importante momento histórico, o aparecimento de inovação na tática e na tecnologia militares ocidentais. O surgimento do barco movido a vapor como uma força considerável nas batalhas foi o primeiro símbolo dessas modificações.

O Tratado de Nanquim (1842) que pós fim ao conflito, estipulava o pagamento de 6 milhões de dólares, do lado chinês, como compensação pelo ópio destruído em 1839. Em nenhum momento o narcótico foi mencionado no acordo. Além disso, tiveram que ser aberto 5 portos para propósitos mercantis ingleses e a ilha de Hong Kong se tornaria uma colônia inglesa.

O Tratado de Nanquim (1842) abriram caminho para que outras potências, Estados Unidos e França, pressionassem a China para a abertura de seus portos para comercialização de seus produtos.

Jonathan Spence (1996, p. 172) afirma que os resultados comerciais de curto prazo da Primeira Guerra do Ópio acabaram sendo uma desilusão para os ingleses e a maioria dos comerciantes estrangeiros. Embora, os portos escolhidos no tratado houvessem sido selecionados com cuidado, os negócios

evoluíam com lentidão que se falava em tentar trocá-las por cidades melhores em trânsito de mercadorias. Cantão era uma promessa de lucros abundantes, mas era forte a antipatia contra os ingleses e outros estrangeiros na região que os ocidentais viram-se impossibilitados de estabelecer residências e realizar atividades comerciais. As décadas seguintes neste local foram marcadas por constantes tumultos e ataques antiingleses por milícias rurais e urbanas, que eram respondidas na mesma medida pelos estrangeiros.

As Guerras do Ópio e as transformações na sociedade chinesa sobre a ótica de Marx

É inegável que Marx escreveu várias obras sobre sua análise do capitalismo em seu tempo. Para a elaboração deste artigo foi usado o livro *Acerca Del colonialismo* que é uma coletânea de artigos de Marx e Engels, elaborados originalmente na década de 1850, publicados no jornal *New-York Daily Tribune*[1], na qual fazem críticas e considerações sobre a presença da Companhia Britânica das Índias Orientais no território indiano, além de mostrar suas visões sobre a organização social indiana; a Guerra Anglo-Persa; a questão do ópio e a China; e inclui parte de cartas trocadas entre os dois no período.

Para compreendermos os escritos de Marx sobre o colonialismo do século XIX temos que compreender dois pontos fundamentais do período: o darwinismo social e as transformações que o sistema colonial sofreram na segunda metade de Oitocentos.

[1] É interessante frisar que o jornal *New-York Daily Tribune* foi um importante jornal americano, de caráter liberal, durante as décadas de 1840 a 1860 e as opiniões expressas nele tiveram um grande impacto social nos Estados Unidos.

O darwinismo social foi uma teoria que vigorou ao longo de Oitocentos para explicar as diferenças sociais existente entre diversas sociedades e posteriormente usados pelas potências europeias para justificarem o colonialismo do século XIX. Sua interpretação buscou legitimar a missão civilizadora para povos considerados "atrasados" no desenvolvimento econômico e civilizatório da humanidade. Para os pensadores do período, o domínio do planeta era uma incumbência do homem branco, uma obrigação carregada por este, para com as sociedades consideradas "bárbaras" e "selvagens" na perspectiva do progresso que o século XIX simbolizava.

Já o colonialismo passou por uma transformação na segunda metade do século XIX decorrente de diversos fatores: a expansão da industrialização de diversos países europeus, a expansão dos ideais liberalistas na economia, busca de mercados consumidores, matérias-primas de fácil acessibilidade e mão de obra barata. Além disso, os direitos comerciais e mercantis foram substituídos pela posse efetiva das colônias.

No livro *O Marxismo e a questão racial*, Carlos Moore fez uma análise desses fatores e sua influência na obra de Marx:

> As ideias de Marx e Engels sobre o mundo em geral não podem ser dissociadas de seu ambiente e da época que viveram. Eles nasceram na Europa do século XIX; viveram e trabalharam na Europa do século XIX. O comércio de homens e mulheres de pele negra dizimava a África por cerca de quatro séculos e sociedades na Ásia e Oceania também haviam sido reduzidas a uma ou outra forma de escravidão. Milhões de autóctones negros e indígenas haviam sido subjugados

> ou exterminados nas Américas; milhões de africanos foram levados através dos mares para substituí-los nas minas de ouro e prata nos campos de algodão e açúcar nas Américas e no Cariba. O capitalismo ocidental estava em plena expansão; a Europa bebia o sangue do homem negro e cuspia dinheiro em seguida. A expansão incontrolada do Ocidente levou a um desenvolvimento sem precedentes da ciência e da tecnologia no século XIX. Esse progresso material foi acompanhado por um fenômeno psicocultural peculiar há muito conhecido no mundo europeu, mas que agora se manifestava com força renovada – a supremacia branca. O homem branco não provara sua superioridade ao escravizar e exterminar milhões de homens negros? Não forçara também os asiáticos à submissão, apesar do Império Chinês e da avançada civilização dos japoneses? Não destruíra o poder do zulus, dos ashantis, dos mandingos, dos astecas e dos maias? A supremacia branca colocara, assim, o mundo sob seu domínio econômico, político e cultural racista. De fato, o desenvolvimento da ciência social do século XIX trouxe a marca dessa arrogância. Os horizontes em expansão da antropologia, etnologia, sociologia, etc., serviriam não apenas para decifrar os enigmas que desafiavam a história, mas também para legitimar, de um modo científico, a hegemonia do Ocidente e a supremacia dos brancos. (2010, p. 62-63).

Para Marx (1979, p. 11), aquele período histórico era de profundas transformações econômicas e políticas. Na questão econômica porque os mercados da América recém independente, a navegação em torno da África, os mercados consumidores da Índia e da China ofereceram para a burguesia a ascensão de um novo campo de atividade e impulsionou o desenvolvimento industrial. Nas transformações políticas, desenvolveram-se os elementos fundamentais para a decomposição do Antigo Regime que se pendurava no continente europeu.

Marx (1979, p. 128) acreditava que a Primeira Guerra do Ópio (1839-1842) serviu como uma experiência militar para a China. Suas primeiras observações sobre o início da Segunda Guerra do Ópio (1856-1860) foram de uma guerra civil, pois o posicionamento do país sobre o conflito bélico se distinguiu nas regiões Norte e Sul. Os chineses da região sul eram movidos por um fanatismo contra os estrangeiros, considerados como um perigo para sua nação. Enquanto os dos norte davam apoio aos interesses comerciais das potências europeias. Ele completa que existiu particularidades nesse segundo conflito em relação ao povo chinês:

> Os chineses do presente estão evidentemente animados de um espírito diferente daquele que mostraram na guerra de 1840 a 1842. Daquela feita o povo era calmo; ele deixava os soldados do Imperador combaterem os invasores e, após uma derrota, se submetiam ao inimigo com o fatalismo oriental. Mas no presente, ao menos nas províncias meridionais onde o conflito até o presente está circunscrito, a massa do povo toma uma parte ativa, fanática mesmo, na luta contra os estrangeiros. Os chineses envenenam o pão da colônia europeia em Hong Kong no atacado e com a mais fria premeditação. (...) Eles embarcam com armas escondidas a bordo dos vapores de comércio e, no meio da rota,

> massacram a tripulação e os passageiros europeus e se assenhoram do navio. Eles sequestram e matam todo estrangeiro ao alcance da mão. Os próprios coolies emigram para o estrangeiro, coordenadamente se amotinam a bordo de cada transporte de emigrantes; eles lutam por seu controle e ou fogem com ele ou morrem nas chamas em vez de se render. Mesmo fora da China os colonos chineses, até aqui os mais submissos e mais doces sujeitos, conspiram e se sublevam subitamente em insurreição noturna, como foi o caso de Sarawak ou em Singapura; eles não são contidos senão pela força e vigilância. A política de pirataria do governo britânico provocou esta explosão universal de todos os chineses contra todos os estrangeiros e lhe deu o caráter de uma guerra de extermínio. (*tradução do autor)* (MARX, 1979, p. 124)

A Primeira Guerra do Ópio estimulou o comércio de narcóticos na região e enfraqueceu a venda de outras mercadorias para a região. A venda de ópio representava de fato o comércio com a China, caso esse produtos parasse de ser comercializado significaria não apenas o fim do tráfico de ópio com os chineses, mas o fim da comercialização de produtos europeus na China.

Ao analisarmos a história da exportação de ópio para a China, no século anterior o comércio deste narcótico não passava de 200 caixas (MARX. 1979, p. 214) e era responsabilidade da Companhia das Índias Orientais. No início de Oitocentos, esta empresa estabeleceu o monopólio da produção do ópio e a proibição do tráfico da droga através de ameaças para os chineses que se dedicavam a esse contrabando. Esta atitude resultou no aumento logo no ano de 1800 das exportações de ópio para a China alcançava o número de 2 mil caixas (MARX, 1979, p. 215).

Na primeira década de Oitocentos ocorreu estímulos de ingleses residentes na China para a venda de ópio, através de atitudes desmoralizadoras das autoridades imperiais para seus compatriotas. No ano de 1816, o comércio de ópio alcançou o valor de 2.500.000 dólares (MARX, 1979, p. 216). Além disso, ocorreram evoluções do número das exportações da droga: de 5.146 em 1820; 7.000 em 1821 e em 1824 chegaram a 12.639 caixas.

Na década de 1820, as autoridades chinesas ameaçavam mercadores estrangeiros e castigavam comerciantes de Hong Kong, considerados como cúmplices na comercialização da droga. Apesar dessas medidas, poucos resultados práticos ocorreram na venda do ópio, pois em 1834 o número das caixas exportadas para a China chegou a 21.785 (MARX, 1979, p. 217).

Em 1834, a Companhia das Índias Orientais perderam o monopólio de comércio com a China e foi transferido esse direito a outras empresas inglesas. Apesar da resistência chinesa de diminuir a venda da droga, no ano de 1837 o valor alcançado com a venda de ópio chegou a 25.000.000 de dólares e chegaram a 39 mil caixas (MARX, 1979, p. 217).

Marx (1979, p. 218) acreditava que o desespero das autoridades chinesas em não saber como lidar com o tráfico do ópio levou a medidas de destruição e confisco da droga, na qual foi o ponto de partida para o início da Primeira Guerra do Ópio. Ele completa ainda que existia uma contradição no governo britânico que

> hipocritamente defende a moralidade cristã. No seu papel de governo imperial finge ter nada em

> comum com o contrabando de ópio e até arranja tratados o proibindo. Mas na administração do Governo Britânico na Índia impõe a produção de ópio em Bengala, em detrimento das forças produtivas deste país; obriga um grupo de índios camponeses a cultivar a papoula do ópio e seduz outra parte para fazer o mesmo, através da concessão de crédito, assim não se responsabiliza pelo monopólio da produção desta droga prejudicial; mas sua produção é monitorada por um exército de espiões oficiais que possuem responsabilidade de observar o cultivo de papoula do ópio, a sua distância para determinados locais, condensação e preparação de ópio de acordo com os gostos dos consumidores chineses, que são embalados especialmente e adaptados às conveniências do contrabando e finalmente transportado para Calcutá, onde são vendidas por baixo de ameixa seca em locais público por funcionários do governo para os especuladores, em seguida, passar para as mãos de contrabandistas que introduzem na China. A caixa que custa para o Governo Britânico umas 250 rupias, é vendida em Calcutá a um preço que oscila entre 1.210 e 1.600 rupias. Mas, insatisfeito com essa cumplicidade real, o próprio Governo Britânico, participa no lucro e ganâncias dos comerciantes e armadores que embarcam e arriscam em uma operação de envenenar o Império Celeste. (*tradução do autor)* (MARX, 1979, p. 219).

Desta forma, o rendimento inglês obtido com a comercialização de ópio depende não somente de sua venda, mas também do seu caráter fraudulento de exportação.

O Tratado de Nanquim (1842), ou o primeiro do Tratado dos Desiguais, foi considerado por Marx (1979, p 220) como um fracasso devido à supersaturação do mercado chinês com bens de especulação durante os primeiros três anos após a assinatura do acordo acarretou a partir de 1846 numa redução do comércio inglês com o país. Apesar de que as exportações inglesas para a China em 1836 eram de 1.326.388 libras esterlinas, diminuíram para 969.000 libras esterlinas em 1842. Mas nos anos posteriores aumentaram em 147%, como podemos ver na tabela abaixo:

Anos	Valores (libras esterlinas)
1842	969.000
1843	1.456.000
1844	2.305.000
1845	2.359.000

Fonte: MARX; ENGELS, 1979, p. 221.

Para analisar o nível da redução do comércio após assinatura do Tratado de Nanquim, devemos entender que o crescimento comercial depende da demanda dos consumidores. Os únicos produtos que tiveram uma ascensão de suas vendas para a China, a partir do ano de 1845, foram os tecidos de algodão, como podemos ver na tabela abaixo:

Produtos	1845	1846	1856
Tecidos de lã penteadas (peças)	13.569	8.415	7.428
Camelote	13.374	8.034	4.470
Long ells	91.530	75.784	36.642
Tecidos de lã	62.731	56.996	88.583
Tecidos de algodão estampados	100.615	81.150	281.784
Tecidos lisos de algodão	2.998.126	1.854.740	2.817.624
Fios de algodão	2.640.098	5.324.050	5.579.600

*valores em libras esterlinas
Fonte: MARX; ENGELS, 1979, p. 221.

Ao analisarmos as exportações britânicas para a China no período pré e pós Tratado percebemos que aconteceu uma expansão súbita do comércio seguida por uma contração:

Anos	Valores (libras esterlinas)
1834	842.852
1835	1.074.708
1836	1.326.388
1838	1.204.356
1842	969.000
1843	1.456.000
1844	2.305.000
1845	2.359.000
1846	1.200.000
1848	1.445.950
1852	2.508.599
1853	1.749.597
1854	1.000.716
1855	1.122.241
1856	2.000.000

Fonte: MARX; ENGELS, 1979, p. 223.

Marx (1979, p. 222) percebeu que os valores totais das exportações chinesas para a Inglaterra, antes do Tratado de 1842, estimavam-se por volta de 7 milhões de libras esterlinas, no ano de início da Segunda Guerra do Ópio, 1856, atingiram um montante de 9,5 milhões de libras esterlinas

aproximadamente. Já a quantidade de chá importado da Inglaterra era de 50 milhões de libras em 1842, aumentou para 90 milhões de libras em 1856. Em contrapartida, as importações britânicas de seda chinesas não eram consideráveis antes do ano de 1852, como podemos notar analisando a tabela abaixo:

	1852	1853	1854	1855	1856
Seda importada (em libras)	2.418.343	2.838.047	4.576.706	4.436.862	3.723.693
Valor (em libras esterlinas)	-	-	3.318.112	3.013.396	3.676.116

Fonte: MARX; ENGELS, 1979, p. 223.

Um fato importante sobre o Tratado de 1842 é que ele foi responsável pela abertura do mercado chinês para outras potências. A partir da assinatura do Acordo de Nanquim, outros tratados foram assinados com os Estados Unidos, a França, a Alemanha e a Rússia para comercialização de produtos e aberturas de portos. Segundo Marx (1979, p. 224), as exportações da China para os Estados Unidos excederam, em 1837, o de importações chinesas em 860.000 libras esterlinas. No período após a ratificação do tratado de 1842, os Estados Unidos receberam anualmente 2 milhões de libras esterlinas de produtos chineses, enquanto a China recebia mercadorias no valor de 900.000 libras. No ano de 1855, vésperas da Segunda Guerra do Ópio, as exportações chinesas chegaram ao valor de 12.603.540 libras, na qual 6.405.040 constituía a parte importada pela Inglaterra, 5.396.406 a parte importada pelos Estados Unidos e 102.088 pelos demais países. Pelos números apresentados fica evidente que acontecia uma disputa entre os EUA e a Inglaterra pelo monopólio dos produtos chineses.

Assim como Sartre (1968, p. 69) analisou no século XX, que os colonizados perdem seu próprio caráter humano e o desespero causado por isso levava a rebeliões no sistema colonial, Marx (1979, p. 127) assinalava na medida em que os britânicos tratavam os chineses como bárbaros, eles não podiam lhes negar o pleno benefício de sua barbárie. Desta forma, os seus sequestros, seus ataques de surpresa, seus massacres noturnos considerados meios covardes e ordinários pelos ingleses era justificado pela forma que até então foram tratados.

Devemos entender essas guerras de caráter colonial ou semicolonial como uma forma de aceleração do processo de acumulação de capital da classe dominante das potências europeias. Rosa Luxemburg assinalava que (1976, p. 311) o militarismo desempenhava um papel decisivo na conquista das colônias modernas, na destruição dos sistemas locais, na apropriação de seus meios de produção e na imposição violenta do comércio aos países cuja estrutura social constituíam um obstáculo ao comércio mundial.

Ao iniciar a Segunda Guerra do Ópio (1856-1860), Marx (1979, p. 127) percebeu que a nova guerra anglo-chinesa apresentava tantas complicações que era absolutamente impossível adivinhar a direção que o conflito poderia tomar. Um destes motivos foi que no início da rebelião os

ingleses não tomaram postura e ficaram por um tempo inativo.

Marx afirmava que (1979, p. 128), a Segunda Guerra do Ópio representava uma mudança para a antiga civilização chinesa, pois era uma nação considerada decadente que sofria diversas ameaças de potências industrializadas. Em suas palavras "em poucos anos nós seremos testemunhas da agonia do mais velho Império do mundo e do dia em que uma nova era se abrirá para toda a Ásia", ou seja, a abertura e transformações que a China sofreria com o conflito não modificaria apenas sua sociedade, mas todo o continente asiático, por ser uma porta de entrada para esta região. Marx percebia que as forças colonialistas contribuíram para colocar a China em contato com o resto do mundo, rompendo seu isolamento milenar.

Segundo Marcelo Buzetto (2004, p. 2) as preocupações de Marx e Engels era a Inglaterra, mas a China tornou-se, no século XIX, um país vinculado e subordinado aos interesses do capitalismo inglês, qualquer alteração na economia e na sociedade chinesas afetaria sem dúvida a burguesia britânica. Marx e Engels reafirmavam a ideia de que a Inglaterra reunia todas as condições para que ocorresse uma revolução social, viam na China uma situação que poderia ajudar a acender o estopim deste processo.

Marx (1979, p. 232) percebeu que o Tratado de Nanquim ao invés de estabelecer a paz fez o contrário, estabeleceu precedentes de uma nova guerra. Suas cláusulas ao abrirem parte dos portos chineses ao comércio internacional não satisfazia ainda aos interesses ingleses, eles queriam que a economia chinesa abrisse por completa ao mercado mundial.

Além disso, a Rússia estava expandido seu interesse comercial com países asiáticos, isso prejudicava a economia inglesa que necessitava do monopólio destes mercados regionais. A ocorrência de uma nova guerra com a China impediria a influência comercial russa nesse país. Desta forma, para Marx (1979, p. 249) a Segunda Guerra do Ópio (1856-1860) foi uma guerra planejada e calculada seus efeitos para beneficiar a Inglaterra e as potências ocidentais, pois ela conseguiu legitimar seu poder político e econômico a partir da Primeira Guerra do Ópio (1839-1842).

Em suas interpretações, ele afirmava (MARX, 1979, p. 238) que não havia sido os chineses que haviam infringido as cláusulas do tratado, mas os ingleses. Estes queriam planejar um conflito justamente para melhorar suas relações comerciais com demais regiões asiáticas, contenção da influência da Rússia na região da Ásia Central e levar uma abertura completa da economia chinesa para as potências ocidentais.

Considerações finais

O período das Guerras do Ópio (1839-1842; 1856-1860) e a tentativa de abertura comercial feita pela Inglaterra na China marcaram as transformações que o colonialismo clássico passou a partir do início de XIX.

A abertura de novas localidades do globo ao comércio mundial marcava as transformações políticas e econômicas que a sociedade global passou em Oitocentos. As novas demandas geradas pela Revolução Industrial nas potências européias demandavam novas regiões para comercialização de seus produtos. A China como local ainda intocável nas relações comerciais do ocidente foi uma vítima fatal deste processo, mas não a única de seu tempo.

Marx, como filho de seu tempo, foi um espectador dessas mudanças e dos horrores ocasionado pelas Guerras do Ópio na população chinesa e as transformações que esta sociedade sofreu a partir deste conflito bélico. Mesmo com um discurso baseado no darwinismo social e na missão civilizadora da Europa, ele mostrou os horrores que eram cometidos à população local e evidenciou uma das marcas do colonialismo: o militarismo.

Em síntese, Marx percebeu as mudanças que o colonialismo tradicional sofreu no século XIX usando como exemplo o caso da Guerra do Ópio. Tais transformações na mentalidade colonial europeia, a partir da segunda metade de século, acarretaram no novo sistema de dominação que se pendurou até o pós-Segunda Guerra Mundial: o Imperialismo.

Referências

BUZETTO, Marcelo. As guerras de libertação nacional e o processo de expansão mundial de capital. *Revista Neils*, volume 11/12, 2004, pp 1-12.

FERRO, Marc. *História das Colonizações: Das conquistas às independências (Século XIII a XX)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERRO, Marc (Org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HILFERDING, Rudolf. *O capital financeiro.* São Paulo: Nova Cultural, 1985.

HOBSON, J. A. *Estudio Del Imperialismo*. Madrid: Alianza, 1981.

LUXEMBURG, Rosa. *A acumulação do capital: estudo sobre a interpretação econômica do imperialismo.* Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Acerca del colonialism*. Moscou: Editorial Progreso, 1979.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre el colonialismo*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1973.

MOORE, Carlos. *O marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *Colonialismo e Neocolonialismo* (Situações, V). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

SPENCE, Jonathan D. *Em busca da China Moderna: Quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Recebido em 2015-04-23
Publicado em 2015-11-